



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE MAIO, DE 2025 - 21H00

Sessão 43 "REGRESSO AO FUTURO" (1985)



Uma das características desta recolha de textos, foi procurar recuperar o olhar de Lauro António sobre os anos 80, aquando da estreia dos filmes em Portugal. Nessa altura, não viu com muito bons olhos "Regresso ao Futuro". Revisto o filme, quando este ciclo foi planeado (em 2021), quando passam 35 anos da sua estreia nos EUA, parecia-lhe que se tratava de uma obra que resistiu bem ao tempo e "que o meu olhar nessa altura foi demasiado severo. Poderia ter escrito um texto novo. Achei mais honesto e interessante, manter o de 1986. Para o leitor avaliar as dúvidas que então se me levantaram." Aqui fica, pois, a crítica desses anos:

Um dos fascínios da crítica de cinema, ou deste peregrinar constante pelos filmes, é o confronto que muitas vezes se estabelece entre nós e as obras que vimos e sobre que temos de falar. Por vezes é difícil explicitar, pôr em palavras inteligíveis para o leitor, o que se pressentiu de uma forma mais intuitiva e emocional que racional. Por exemplo, «Regresso ao Futuro», de Robert Zemeckis, mais uma produção Steven Spielberg, um dos grandes êxitos comerciais de 1985, deixou-nos uma sensação de frustração que a princípio não soubemos definir. Cansaço de um certo tipo de cinema? Não nos parece que tal seja o caso, pois então o mesmo se poderia dizer de «Goonies», de Richard Donner, produzido igualmente por Spielberg e de que, no entanto, gostámos bastante mais. Menor aplicação na execução do projecto? Nem por sombras, se bem que nos parece muito mais conformista a realização de Zemeckis, se comparada com a de Donner, para só citar estes dois exemplos, sendo ainda que a de Donner terá inclusive os seus pontos fracos, aqui e ali, compensados por excelentes momentos de aventura e magia.



Onde então radica esta sensação de desagrado que o filme nos lança logo desde início, de que se recompõe um pouco à medida que o tempo passa, mas que não consegue fazer esquecer até final? Cremos que esta película tem alguns aspectos que se afastam um pouco do universo spielbergiano. Por exemplo, a definição do ambiente familiar em que vive o protagonista juvenil desta aventura no tempo é quase o oposto do ambiente familiar de «E.T.», de “Gremlins», de «Goonies», de “Poltergeist”. Há um lado desagradável, caricatural e pouco subtil, que nos choca desde logo. O que nos fascina no mundo de Spielberg é o realismo da descrição do dia a dia daquelas pequenas cidades de província, subitamente transtornado pela irrupção do fantástico.

Em «Regresso ao Futuro» o dia a dia é mais estranho que o próprio fantástico das situações subsequentes. Mas, e ficando ainda por este aspecto, há mais e mais grave. Todo o universo de Spielberg é de uma relativa estabilidade emocional, de um certo conforto social, um mundo onde os adolescentes evoluem sem sobressaltos de maior e onde o fantástico se vem encaixar de forma quase harmoniosa, como que assumindo o lado de sonho ou de pesadelo dessa comunidade subitamente sacudida pela estranheza dos acontecimentos. Os fantasmas que surgem da televisão em «Poltergeist», os extraterrestres de “E.T”, os diabólicos ou brincalhões «Gremlins», o barco dos piratas de «Goonies», tudo isso são projecções de sonhos de crianças, os tais filmes que Spielberg dirige, ou produz, porque eram/são os filmes que gostaria de ver. “Regresso ao Futuro” corta com essa tradição, e não se pode dizer que se sinta renovação no filão, mas uma pequena traição ao seu universo pessoal e ao seu projecto. «Back to the Future» é um filme bem feito, inteligente, bem construído, divertido por vezes, mas impessoal, estranho a um espírito spielbergiano. O que é, desde logo, reconhecer que a marca do produtor é, no caso de Spielberg, mais relevante do que a do próprio realizador que assina a encomenda. Mas quem tem ainda dúvidas a esse respeito?



De resto, «Back to the Future» repõe em circulação o velho tema de H. G. Wells, «A Máquina do Tempo». O mito que já servira a excelentes argumentos, de uma imaginação desenfreada, com «A Contagem Final» ou esse notável «Os Passageiros do Tempo», em que o próprio H. G. Wells viaja no tempo em perseguição de «Jack, the Ripper» (e quem viu um invulgar filme japonês, de Kosei Salto, «Aventura no Tempo». em que um destacamento do exército japonês é confrontado com vagas de centenas de Samurais de séculos passados?) é aqui pretexto para uma viagem ao passado recente (os anos 50), com propósitos moralistas não muito reconfortantes (o filho consegue alterar, no passado, o presente da sua família, transformando por completo o carácter inibido e subserviente do pai e o conformismo caseiro da mãe). É evidente que o filme tem situações divertidas (quando o protagonista afirma que o actor Reagan será ainda presidente da República, alguém lhe diz que o vice-presidente será, então Jerry Lewis, o que deveria ser o pensamento dominante nos anos 50) e se mostra um produto bem acabado e bem oleado.

Mas Zemeckis, que nos dera um curioso «Em Busca da Esmeralda Perdida», fica aquém do que seria de esperar, e «Regresso ao Futuro» não deixa de nos saber a pouco. Será que o «regresso da aventura», saudado no início dos anos 80, está já a envelhecer?

Adenda (2021): “Regresso ao Futuro” teve duas sequelas e uma série para TV posteriores. “Regresso ao Futuro II” (1989), de novo de Robert Zemeckis, “Regresso ao Futuro III” (1990), ainda de Robert Zemeckis, e “Regresso ao Futuro” (1991) (série de TV) que teve como criadores Bob Gale e Robert Zemeckis. No cinema os actores protagonistas (com poucas excepções) mantiveram-se inalteráveis.

Lauro António



REGRESSO AO FUTURO

Título original: Back to the Future

Realização: Robert Zemeckis (EUA, 1985); Argumento: Robert Zemeckis, Bob Gale; Produção: Neil Canton, Bob Gale, Kathleen Kennedy, Frank Marshall, Steven Spielberg; Música: Alan Silvestri; Fotografia (cor): Dean Cundey; Montagem: Harry Keramidas, Arthur Schmidt; Casting: Jane Feinberg, Mike Fenton, Judy Taylor; Design de produção: Lawrence G. Paul; Direcção artística: Todd Hallowell; Decoração: Hal Gausman; Guarda-roupa: Deborah Lynn Scott; Maquilhagem: Dorothy Byrne, Ken Chase, Elizabeth Rabe, Barry Rosenberg; Direcção de produção: Jack Grossberg, Dennis E. Jones, Arthur F. Repola; Assistentes de realização: Mitchell Bock, Pamela M. Eilerson, Frank Marshall, David McGiffert, Concetta Rinaldo-Williams; Departamento de arte: Cameron Birnie, Ernest Depew, Joseph E. Hubbard, Dick Lasley, Margie Stone McShirley, Andrew Probert, Michael Scheffe, Arthur Smedley, John Zemansky; Som: Charles L. Campbell, Craig Harris, Tak Ogawa, Robert R. Rutledge, Larry Singer; Efeitos especiais: Sam Adams, Richard Chronister, William A. Klinger, Kevin Pike, Kimberley Pike, Neil Smith, Steve Suits, David Wischnack; Efeitos visuais: Terry Molatore; Companhias de produção: Universal Pictures (A Robert Zemeckis Film), Amblin Entertainment, U-Drive Productions; Intérpretes: Michael J. Fox (Marty McFly), Christopher Lloyd (Dr. Emmett Brown), Lea Thompson (Lorraine Baines), Crispin Glover (George McFly), Thomas F. Wilson (Biff Tannen), Claudia Wells (Jennifer Parker), Marc McClure (Dave McFly), Wendie Jo Sperber (Linda McFly), George DiCenzo (Sam Baines), Frances Lee McCain (Stella Baines), James Tolkan (Mr. Strickland), J.J.

Cohen, Casey Siemaszko, Billy Zane, Harry Waters Jr., Donald Fullilove, Cristen Kauffman, Elsa Raven, Will Hare, Ivy Bethune, Jason Marin, Katherine Britton, etc. Duração: 116 minutos; Distribuição em Portugal: Classificação etária: M/ 6 anos; Estreia em Portugal: 19 de Dezembro de 1985.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“O Clube” de John Hughes / 1985